

Aconteceu no início da Primavera. Íamos já no segundo dia de viagem. Entravam e saíam da carruagem passageiros de curta distância, mas havia três que viajavam, como eu, desde a estação de partida: uma senhora nada jovem, sem graça, fumadora, cara de cansaço, de chapéuzinho e casaco meio masculino; o acompanhante, um homem loquaz, dos seus quarenta anos, vestindo roupa nova e cuidada; e ainda um senhor de pequena estatura que se mantinha afastado, de gestos impulsivos, nada velho ainda mas com os caracóis do cabelo já grisalhos, sem dúvida prematuramente, e uns olhos muitíssimo brilhantes que corriam velozes de um objecto para outro. Vestia um sobretudo velho mas de boa confecção, com gola de pele de carneiro; na cabeça tinha um gorro alto da mesma pele. Quando desabotoava o sobretudo via-se-lhe a *poddiovka*¹ e a camisa russa bordada. Uma das peculiaridades deste senhor consistia em, de vez em quando, emitir uns sons estranhos, como se tossicasse ou reprimito um riso que lhe queria escapar.

Durante toda a viagem, este senhor evitou cuidadosamente comunicar com alguém ou apresentar-se a outros passageiros. Quando os vizinhos tentavam meter conversa com ele, respondia breve e bruscamente, ou lia, ou fumava olhando pela janela, ou tirava provisões do saco velho e tomava chá ou merendava.

Eu tinha a impressão de que aquela solidão o afligia e, por várias vezes, tentei falar com ele mas, de cada vez que

os nossos olhares se cruzavam, o que acontecia com frequência porque estávamos sentados na diagonal em bancos frontais, ele virava a cabeça e pegava no livro ou punha-se a olhar pela janela.

Durante a paragem numa grande estação, ao fim da tarde do segundo dia, o nervoso senhor foi buscar água quente e preparou chá. Ora, o senhor vestido de novo, advogado como viria a saber depois, e a vizinha dele, a senhora fumadora de casaco meio masculino, foram tomar chá à estação.

Enquanto os dois últimos estavam fora, entraram na carruagem caras novas, várias, entre elas um velho alto de barba rapada e pele enrugada, pelos vistos um comerciante, envergando peliça de marta e boné de pano com uma pala enorme. O comerciante sentou-se no lugar frontal ao da senhora e do advogado, começando logo a conversar com um jovem que entrara na mesma estação e que, pelo aspecto, deveria ser encarregado de comércio.

Enquanto o comboio esteve parado e ninguém passava pelo corredor, eu pude ouvir farrapos da conversa deles. O comerciante começou por dizer que ia para a sua propriedade, já na estação seguinte; depois, como sempre, puseram-se a falar de preços, de comércio e, também como sempre, da situação actual do mercado de Moscovo e, a seguir, da feira de Níjni Nóvgorod. O encarregado contava-lhe da estúrdia armada na feira por um comerciante ricaço conhecido de ambos, mas o velho não o deixou acabar a história e pôs-se a falar das suas próprias pândegas dos velhos tempos em Kunávino. Era visível o seu orgulho por ter entrado em tais pândegas e, eufórico, contou como ele e esse comerciante, bêbados, tinham feito uma estroinice tal que só em sussurro podia ser contada; o encarregado desfez-se em gargalhadas, o velho também se riu muito, arreganhando dois dentes amarelos.

Como não esperava ouvir nada de interessante, levantei-me para passear um pouco na plataforma até à hora da partida. À saída cruzei-me com o advogado e a senhora que conversavam animadamente.

— Não vai ter tempo — disse-me o comunicativo advogado —, vão dar já o segundo sinal.

Era verdade, mal tivera tempo de chegar à última carruagem e já o sinal apitava. Quando voltei, continuava a conversa animada entre a senhora e o advogado. O velho comerciante estava calado em frente deles, de olhar severo, mexendo de vez em quando os lábios com desaprovação.

— Depois, ela declarou abertamente ao marido — dizia o advogado, com um sorriso nos lábios, no momento em que eu passava ao lado — que não podia nem queria viver com ele porque...

E continuou a explicar porquê, mas eu já não ouvi exactamente do que se tratava. A seguir a mim passaram mais alguns passageiros, passou o revisor, entrou rapidamente um capataz e, durante algum tempo, o barulho impediu-me de ouvir a conversa. Quando tudo se acalmou e eu voltei a ouvir a voz do advogado, a conversa já passara de um caso particular para considerações de carácter geral.

O advogado dizia que, actualmente, o problema do divórcio preocupava muito a opinião pública da Europa e que entre nós também surgiam casos semelhantes e cada vez mais frequentes. Ao reparar que, havia muito, apenas se ouvia a sua voz, o advogado interrompeu o discurso e virou-se para o velho.

— Antigamente isto não acontecia, não é verdade? — disse, sorrindo com afabilidade.

O velho já ia responder mas, de repente, o comboio arrancou, o que o fez tirar o boné, benzer-se e murmurar uma reza. O advogado, desviando o olhar, aguardava delicadamente. Acabada a reza e depois de três sinais da Cruz, o velho enfiou o boné na cabeça, de pala para a frente, acomodou-se melhor no assento e começou a falar.

— Antigamente também acontecia, meu senhor, mas menos — disse ele. — Ora, nos tempos que correm, seria impossível isso não acontecer. As pessoas tornaram-se cultas demais.

O comboio, ganhando cada vez mais andamento, ribombava nas juntas e era-me difícil escutar; mas como a con-

versa me interessava, sentei-me mais perto. O meu vizinho, o senhor nervoso de olhos brilhantes, também parecia interessado e escutava, sem se mexer do lugar.

— Mas que mal tem a instrução? — interveio a senhora, sorrindo quase imperceptivelmente. — Será melhor à maneira dos velhos tempos, em que os noivos nem sequer se viam antes do casamento? — continuou, sem responder ao que dissera o seu interlocutor, mas, como é hábito de muitas mulheres, ao que, na sua opinião, ele diria a seguir. — Não sabiam se se amavam, ou se podiam amar-se, casavam-se às cegas e depois sofriam toda a vida. Na sua opinião, isto é melhor? — dirigia-se muito mais a mim e ao advogado do que ao velho com quem estava a conversar.

— Tornaram-se cultos demais — repetiu o comerciante, olhando com desprezo para a senhora e deixando sem resposta a sua pergunta.

— Gostaria de saber como explica a ligação da instrução com a discórdia no matrimónio — disse o advogado com um sorriso imperceptível.

O comerciante queria dizer alguma coisa, mas a senhora interrompeu-o.

— Não, esses tempos já lá vão — disse ela. Mas o advogado deteve-a.

— Deixe-o exprimir a sua ideia.

— Por causa dessa instrução, só asneiras — disse o velho em tom resolutivo.

— Casam pessoas que não se amam e depois admiram-se que não haja concórdia no casamento — apressou-se a dizer a senhora, virando-se para o advogado, para mim e até para o encarregado de comércio que, de pé e apoiado no espaldar, ouvia a conversa com um sorriso na cara. — Os animais é que se podem acasalar de acordo com a vontade do dono, só os animais, mas as pessoas têm as suas inclinações e simpatias — dizia ela, certamente para alfinetar o comerciante.

— Não tem nada que falar assim, minha senhora — disse o velho —, o animal é gado, mas ao homem foi dada a lei.

— Mas como é possível viver com uma pessoa sem amor? — continuava muito acelerada a senhora, debitando razões que, provavelmente, lhe pareciam novíssimas.

— Antigamente não se pensava nisso — disse o velho num tom sentencioso —, só agora apareceram essas modas novas. Basta uma coisinha qualquer, e logo ela: «Vou-te deixar!» A moda até já chegou aos mujiques. «Tens aqui as tuas calças e as tuas camisas — diz ela —, vou viver com o Vanka, tem mais caracóis no cabelo do que tu.» E está tudo dito. Ora a mulher, antes de mais, tem de ter medo.

O encarregado comercial olhou para o advogado e para a senhora, depois para mim, reprimindo um sorriso e pronto a zombar ou a aprovar o discurso do velho, consoante a nossa reacção a ele.

— Mas que medo? — quis saber a senhora.

— Já se sabe que medo: que tenha temor ao seu marido! É isso.

— Esses tempos já passaram, meu caro — disse a senhora com alguma raiva.

— Não senhora, esses tempos não podem passar. Eva, criada da costela do homem, ficará Eva até ao fim dos séculos — disse o velho, sacudindo a cabeça de forma tão severa e vitoriosa que o encarregado, concluindo de imediato que o comerciante levava a melhor, riu-se alto.

— Vocês, os homens, é que raciocinam assim — ripostou a senhora, não querendo dar-se por vencida e lançando-nos olhares. — Deram liberdade a vocês próprios, e a mulher que fique fechada em casa. Mas, a vocês próprios, com certeza se permitem tudo.

— Não se permite nada, o que acontece é que o homem não chega a casa pejado, ora a mulher é um vaso fraco — sentenciou o velho.

O peso das entoações do comerciante estava por certo a vencer os ouvintes, e a senhora sentia-se oprimida; mas ainda não desistira.

— Pois, mas tem de concordar que a mulher é um ser humano e tem sentimentos, tal qual o homem. O que é que ela faz quando não ama o marido?